



XVIII ENANPUR
NATAL 2019
27 a 31 maio

LAZER, FESTA E CIDADE: O caráter revolucionário do brincar no contexto das ocupações urbanas.

Autores:

izabella galera - ufmg - izabella.galera@gmail.com

Tankilino Tulio Queiroz Freitas - Instituto Metodista Izabela Hendrix - quefre@live.com

Resumo:

Este estudo busca trazer à tona a discussão do lazer como forma de resistência à produção hegemônica do espaço, a partir da vivência das Ocupações Urbanas de Belo Horizonte/MG, para além da luta por moradia, também pelo direito de rir e ser feliz na cidade. A pesquisa se ancora em cartografar a produção do espaço por meio das brincadeiras, festas e jogos em territórios que se constituem espontaneamente com muita resistência, organização de base, sustentados por saberes populares, sem suporte institucional, em contextos de bastante precariedade. Nesse contexto, as redes de solidariedade mostram-se necessárias e constituem-se cotidianamente. Junto da Ocupação Rosa Leão, na região da Izidora, procurou-se verificar quais são as práticas espontâneas de lazer e onde estas se apresentam no território. Entende-se aqui que o jogo, o riso e a festa têm a potência de humanizar a cidade, reivindicando-a como valor de uso e não de troca.

LAZER, FESTA E CIDADE:

O caráter revolucionário do brincar no contexto das ocupações urbanas.¹



Figura 1- Tirinha Mafalda

Fonte: Quino (2003, P. 82, Tira 2).

SOBRE OUTRAS FORMAS DE PRODUÇÃO DO ESPAÇO: AS OCUPAÇÕES NA LUTA PELA VIDA URBANA.

Este estudo parte de uma aproximação com as ocupações urbanas da região da Izidora em Belo Horizonte/MG e na confiança de que as práticas e experiências de lazer [neste caso situado na Ocupação Rosa Leão²] junto aos moradores e movimentos sociais são formas de resistir, vivenciar e desejar outra cidade. O objetivo deste estudo é trazer à tona a discussão do lazer como forma de resistência à produção hegemônica do espaço urbano, a partir da experiência das Ocupações Urbanas, que dentro de um contexto de extrema exclusão e precariedade se dispõe a lutar pela moradia, pelo direito à cidade, pelo direito de rir e ser feliz na cidade.

A região em questão é conhecida oficialmente como Mata do Isidoro ou Granja Werneck³. Porém ao estudar os registros históricos da região, descobriu-se que quem vivia e detinha a posse dessas terras era uma mulher negra, quilombola, chamada Izidora. A partir daí, as Coordenações da Izidora, os movimentos sociais e a rede de apoiadores passaram a chamar a região de “Região da Izidora” ou simplesmente Izidora, e simboliza a luta do povo

¹ Agradecimento às agências de fomento da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pelo apoio financeiro.

² A Ocupação/ Bairro Rosa Leão surge na região da Izidora, entre maio a junho de 2013. Anteriormente logo ao lado a Ocupação Helena Greco já existia, desde 2011. Rosa Leão Conta hoje com aproximadamente 2000 famílias, e faz limite com os Bairros Zilah Spozito, em Belo Horizonte, e Londrina, em Santa Luzia.

³ O maior proprietário da Região da Izidora é da empresa familiar Granja Wernek S.A, que se insere majoritariamente na Ocupação Vitória e parte da Ocupação Esperança, e também outros 2 proprietários que detêm uma parcela menor de terra e onde se encontra parte da ocupação Esperança e grande parte da Ocupação Rosa Leão. Vale ressaltar que junto a estudo dos Registros de Imóveis, há indícios fortes de Grilagem de Terra da família Wernek. Os Processos de Reintegração de posse estão sendo Negociados junto a COHAB.

que lá viveu, vive, e pretende seguir naquela terra, porém de forma digna e segura. Assumir a narrativa de Izidora é tomar lado de uma história de silenciamento de Mulheres, Negras, Indígenas e pobres deste país. É negar a lógica que segue cotidianamente matando e excluindo o povo pobre dos territórios que a elas pertencem.

A presença continua no território e um alto grau de envolvimento na luta nos permitiu não falar sobre a ocupação, mas sim junto e com a ocupação, ou como aponta Magnani (2012, p. 249), “de perto e de dentro”. Dessa forma, o intuito foi sair do papel distante do pesquisador e inserir-se como agente que contribui para a luta, sem descolar a pesquisa teórica da ação prática, aceitando assim os laços de afeto e companheirismo que se constituem no dia a dia, na hora de comer, no buteco, na sinuca, nas festas nos atos e nas rodas de samba e funk.

As Ocupações da Izidora são conformadas hoje pelas Ocupações Rosa Leão, Vitória e Esperança⁴, e estão inseridas na divisa do município de Santa Luzia- MG, no vetor norte de Belo Horizonte. Os territórios foram ocupados entre maio e junho de 2013 e hoje, estima-se que residem no local, cerca de 8 mil famílias no total (uma média de 30.000 pessoas). Segundo o “Tribunal Internacional de Despejo”⁵, o conflito fundiário na Izidora se configura como um dos maiores conflitos da América Latina.

Acredita-se que essas ocupações urbanas reivindicam o direito de viver e usufruir da cidade, conforme aponta Lefebvre.

“O direito à cidade não pode ser concebido com um simples direito de visita ou de retorno às cidades tradicionais. Só pode ser formulado como direito à vida urbana, transformada, renovada. Pouco importa que o tecido urbano encerre em si o campo e aquilo que sobrevive da vida camponesa conquanto que o “urbano”, lugar do encontro, prioridade do valor de uso, inscrição no espaço de um tempo promovido à posição de supremo bem entre os bens, encontre sua base morfológica, sua realização prática sensível. (LEFEVBRE, 2011, p. 117)”.

Além da posse da terra, as pautas defendidas pelas ocupações são: a permanência no território de forma digna, com o acesso à saúde, à rede elétrica, ao saneamento básico, a espaços de lazer, creche e escolas. Estes territórios são autoconstruídos cotidianamente, não só a produção da moradia, mas também do alimento (pois existe uma quantidade enorme de quintais produtivos nos bairros), de arruamento, esgoto (ainda ineficiente e muito oneroso) e dentro de todo este contexto o lazer se manifesta entre canteiro de obras, bares, pipas, jogos de baralho, churrasco e música alta.

⁴ Dentro do processo de negociação com o poder público o avanço na luta pela regularização fundiária, a Ocupação Helena Greco, que faz divisa com Rosa Leão, também vem recentemente compondo a Coordenação da Izidora. O território ocupado pelo Bairro foi à primeira das Ocupações, em 2011. É importante frisar que a luta das ocupações é uma só, como diz a palavra de ordem: mexeu com uma, mexeu com todas.

⁵ O “Tribunal Internacional de Despejo” ocorreu no espaço da Conferência das Nações Unidas Habitat III, em Quito, Equador, em outubro de 2016.

Sob este ponto de vista, compreendemos que o espaço é a possibilidade de junção, produto de inter-relações e interações, não é pré-existente, mas algo modelado pelas relações existentes. O espaço então é condicionado e condicionante das relações humanas, como algo aberto e em plena transformação e atualização, sendo produzido cotidianamente por uma disputa de interesses que se dá entre diversos agentes por meio da cooperação e do conflito.

Para Lefebvre (2011), a cidade é o lugar da Festa, do Poder e do Excedente, ou seja, do encontro e máxima sociabilidade, da assembleia e do capital. A cidade, neste sentido, nasce e se desenvolve justamente por se alimentar daquilo que a transforma, é o lugar dos conflitos. Há então uma lógica mutável e temporal da produção do espaço, pois está sempre em constante transformação.

Ainda segundo Lefebvre (2000), é importante destacar, aqui, a ideia de Espaço Abstrato e do Espaço Diferencial. O Espaço Abstrato representa um espaço que é orientado para a reprodução do meio de produção hegemônico. Essa configuração tem como características a homogeneidade (negação das diferenças), a fragmentação (funcionalmente segregado) e a hierarquia (lógica de dominação centro-periferia).

Ocorre que submerso neste espaço abstrato, por meio de diferentes atravessamentos, de conflitos e contradições, há um potencial transformador, que junto com “a vivência e a experiência, atacadas de todas as formas, se defende pela revolta, pela espontaneidade bruta, pela violência contra a agressão permanente e cotidiana” (SERPA, 2014, p. 491).

É dentro dessa dissolução e renascimento das relações orientadas por outras formas de trocas que o espaço abstrato permite que a vida cotidiana fissure e experimente outras maneiras de produção e reprodução da vida.

Estas outras formas de fazer cidade estão presentes nas Ocupações Urbanas⁶, locais de extrema pobreza e exclusão, geralmente invisibilizadas pelo poder público e visto como “não oficiais”, ou em outro oposto, como “terroristas”. São sustentadas na autoconstrução e nas redes de solidariedade que substituem ou ocupam o papel que deveria ser do Estado. Tais ações são apontadas por Holston (2013) como “Cidadania Insurgente”, e se configurando como espaços intersticiais.

Assim, o Espaço Diferencial representa a transformação do espaço a partir do cotidiano, gerando ali diversas apropriações e heterotopias. Esse espaço transformado e diferenciado é totalmente permeado pelas práticas do espaço abstrato, principalmente por emergir do mesmo.

Destaca-se que a palavra heterotopia vem da junção de hetero (diferente, outro) e topos (lugar). Acontece em um espaço/tempo limiar, avesso do status determinado por uma

⁶ As ocupações urbanas surgem de forma espontânea e organizada junto a movimentos sociais, “se conformam em um movimento de liberdade para a criação de outra cidade, a partir do desentendimento que se tem ou não da cidade onde queremos viver ou da cidade que cotidianamente produzimos” (MORADO NASCIMENTO, 2016, p. 147).

ordem, onde reúne os conflitos e comportamentos que não reproduzem padrões sociais impostos. É o lugar do desvio, da diferença, sendo espaços sociais limítrofes, a margem, que dão a possibilidade de “algo diferente”.

Nesse sentido, as táticas do dia a dia, individual e coletiva têm um grande potencial de superar o espaço abstrato (homogêneo, fragmentado e hierárquico), pois é no cotidiano que se tem espaço para a ação, a experiência e o enfrentamento direto. A partir das leituras de Lefebvre (2000, 2011, 2016), entende-se que “a real apropriação do espaço envolve uma invenção morfológica, isto é, uma nova forma intimamente ligada às novas funções e às estruturas do prazer e da alegria” (BASTOS et al., 2017, p. 255).

Lefebvre (2004), em seu livro “A revolução urbana”, coloca o papel da rua na discussão da produção de um espaço e seu potencial de transformação. Para o autor, a rua tem uma função lúdica, de ordem superior, que é, ao mesmo tempo, o local do encontro e o local onde se anda lado a lado, mas não se encontra. A vida urbana na rua acontece quando pessoas que não tem relação umas com as outras entram em contato. De uma forma orgânica ou por meio de uma ordem acontece uma adaptação com o desconhecido.

Enxerga-se então na rua um potente *locus* para a produção de um espaço diferenciado, por meio da apropriação, entendendo-a como local que extrapola a vida privada e, por isso mesmo, é espaço de conflitos e arena de interesses, mas que a partir da resposta dada a estes conflitos se tem a oportunidade de criar “Espaços Desviados⁷” .

“A condição da apropriação instala-se a cada momento que um indivíduo se torna consciente dos papéis que seu corpo desempenha no espaço social (sua materialidade, sua opacidade, sua atuação política). Um espaço apropriado é sempre potencialidade de superação da alienação na vida cotidiana uma vez que reinstala o valor de uso.” (VELLOSO, 2016).

A apropriação tem um forte potencial de fazer uma contraposição à “sociedade burocrática de consumo dirigido” (Lefebvre, 1991), pois incide no espaço produzido hegemonicamente e transforma-o, a partir das necessidades e das alternativas cotidianas, por meio da criatividade e da espontaneidade. Enxerga-se então que a partir do lúdico, do campo simbólico criador, dos sonhos que se tem a chance de se produzirem espaços com maior humanidade e afeto.

Parte-se da compreensão de que o lazer é uma produção cultural histórica, simbólica e subjetiva (lazer como pré-disposição) e que reflete diretamente no processo de decisão e construção dos espaços de uso coletivo, entendidos, neste ensaio, como um fator central para reivindicar o direito ao lazer junto com o direito à cidade.

Uma das principais características do lazer é a noção de liberdade e a busca por alcançá-la. Reside no fato de ser livre, ou sentir-se livre o estímulo do brincar, que insurge de

⁷ O termo “Espaço Desviado” (BASTOS et al., 2017, p.460) foi apontado como um espaço em transição entre o abstrato e o diferencial dentro de uma tática de apropriações diversas. Entende-se a partir da leitura de Bastos (2017), que apresenta uma ótica a partir da leitura de Lefebvre (2000), sobre o desvio, como uma prática intermediária entre a dominação e a apropriação.

um ato de autonomia. A prática Autônoma parte da ideia de que podemos “governar a nós mesmos”, sendo exercida individualmente e na coletividade. Já a raiz da palavra lazer relaciona-se com a noção de ser lícito; permitido.

De um ponto de vista mais complexo, o lazer abarca os fenômenos sociais, políticos, culturais e está em plena transformação, posto dentro de um tempo histórico e um tempo simbólico. Situando as práticas de lazer no contexto urbano contemporâneo, Magnani (2003) aponta que:

“Com efeito, os deslocamentos de população para grandes centros não envolvem apenas questões de ordem econômica, demográfica ou urbanística; para o próprio migrante, a mudança não se esgota no problema de uma maior ou menor capacidade de adaptação às exigências do trabalho urbano, mas significa alterações profundas em seu modo de vida, na forma de satisfação de suas necessidades e no aparecimento de novas necessidades. Implica, em suma, um reordenamento de todo o seu estoque simbólico.” (MAGNANI, 2003, p.25).

Dentro das composições culturais que são visíveis na produção social das periferias urbanas, entende-se que “nesse processo, juntam-se o velho ao novo, tradições rurais com valores próprios da sociedade industrial; algumas coisas permanecem, muitas se transformam, outras ainda desaparecem” (MAGNANI, 2003, p.26).

As práticas de lazer, que aqui situamos nas ocupações da Izidora, podem ser vistas e vivenciadas em tantas periferias, apontam para uma contraposição ao espetáculo.⁸ É transversal, pois não se limita a uma só faixa etária e nem a um gênero estrito, por mais que estes territórios sejam bem demarcados, as práticas de lazer ocorrem tanto na rua, no campo de futebol, no baile funk, soltando pipa, no bar e mercearia mais próxima. Estes territórios são vividos também no centro da cidade, assim como no quintal no fundo das casas, nas cozinhas, na esfera da vizinhança.

NA CADÊNCIA DO JOGO, DO RISO E DA FESTA.

O lazer está diretamente ligado à construção da identidade do homem, principalmente pela manifestação cultural que, por meio dos gestos, torna-se “lugar”, carregado de sentidos, afetos e relações de poder. Sendo assim, “o lazer não é residual nem supérfluo, porque faz parte dos elementos constitutivos e definidores de determinado modo de vida” (MAGNANI, 2015, p.17).

Sendo uma das práticas sociais mais antigas, o lazer extrapola a dimensão espaço-tempo, pois faz parte no nosso “d.n.a cultural”, enraizada na nossa vida cotidiana, em atos que nem nós sabemos ao certo porque fazemos. É uma necessidade humana atuar e interagir, seja a partir de atitudes lúdicas ou da dimensão cultural. Estes são elementos

⁸ Para Gui Deboard a “Sociedade do Espetáculo” é o estágio mais avançado de alienação que a sociedade contemporânea vive. “O espetáculo é o momento em que a mercadoria ocupou totalmente a vida social”. (DEBORD, 1997, p.30).

fundamentais para pensar em como produzimos e reproduzimos nossas vidas a partir do brincar, da preguiça, da festa, da viagem.

Para Gomes (2008) o lazer é operado em três esferas: Atitude Lúdica ou Ludicidade; Manifestação Cultural; e Tempo-espaço. Essas três esferas são indissociáveis, pois abarcam dimensões do nosso comportamento biocultural.

O termo lazer, segundo Gomes (2008), deriva da palavra em latim *Liciere e Licet*. Tem origem romana e está relacionado à noção de permissão, licitude, poder, ter direito de. Nada mais justo então do que falarmos e defendermos o Direito ao Lazer. No século XIII, o chamado “lazer arcaico” tinha na palavra *Lezer* uma representação da preguiça e da pouca vontade de trabalhar. Já no século XVIII, as palavras das quais deriva o “lazer” seriam: *Lesiure* (inglês) e *Loisir* (francês), e ambas abarcam a noção de folga, comodidade e vago.

De acordo com Dumazedier (1974), o lazer é exercido à margem das obrigações sociais em um tempo que varia segundo a forma de intensidade de engajamento do mesmo em suas atividades laborais. Está assim aliado a um lugar de destaque e representa tanto um momento de descanso, de constituição da personalidade e de diversão.

Sabe-se que, nas sociedades pré-industriais, as atividades lúdicas, hoje atribuídas ao lazer, estavam ligadas ao culto, à tradição, às festas e não existia de fato o lazer em si, pois as atividades de trabalho envolviam ludicidade e prazer criativo. Não é possível compreender o lazer de forma isolada, pois ele tem relação direta com várias esferas da vida social.

Nas sociedades antigas, o trabalho produtivo era desvalorizado, entretanto, na sociedade industrial, a vida passa a ser regida pela lógica de produção do capital. O trabalho passa a ser visto como fator central da vida, tendo o lazer à função de “compensar” as frustrações e mazelas da vida operária, para uma melhoria na qualidade de vida do trabalhador, a fim de que ele tenha seu tempo livre, recupere-se do trabalho produtivo, tenha tempo para consumir e volte ao trabalho com mais vigor. Ou seja, o tempo livre que vem por meio de mobilização e luta política é usado como instrumento para fazer a produção do capital render mais.

O lazer, então, que poderia ser entendido como uma conquista cidadã, reivindicado pelos trabalhadores, acaba sendo usado como meio de controle e disciplinamento. Conforme afirma Gomes (2008, p. 62), “essa institucionalização do lazer, além de repudiar o ócio, foi atrelada à necessidade de equacionar o tempo livre, selecionar as atividades nele desenvolvidas e disciplinar os divertimentos”.

Nesse sentido, o lazer não é uma categoria fechada. Contudo, pode ser visto como um estilo de comportamento, podendo ser encontrado em qualquer atividade. O que faz a diferença é a atitude empregada naquela atividade. Conforme Marcellino (1983) afirma, a atitude está caracterizada pela conexão entre o sujeito e a experiência vivida. A ideia de que o lazer só acontece em oposição ao tempo de trabalho não faz sentido.

É a partir das necessidades e desejos do corpo que se age e se praticam atividades de lazer no campo físico, prático, artístico, intelectual e social. Esses campos de atividade relacionam-se com o imaginário, com as emoções, com a busca pelo encantamento e beleza.

No campo intelectual, vem o contato com o real, a experimentação, a vivência. No campo físico, as práticas que prevalecem são o movimento, os exercícios, os interesses manuais, a capacidade de manipulação, a transformação (como o artesanato, a jardinagem, o plantio). Os passeios e viagens estão relacionados às descobertas e à quebra na rotina (contra tempo), e o campo do social são os relacionamentos e atividades em grupo.

Três conceitos-chaves são centrais na reflexão deste estudo: O JOGO, O RISO e A FESTA, com a estratégia de cruzar estes três conceitos que estão ligados diretamente à ideia de subversão, ao desvio e a resistência, intuindo a potência revolucionária do lazer.

O Jogo, conceito já bastante estudado no campo do lazer, compreende a dimensão cultural do homem, que se relaciona com seu meio a partir de brincadeiras e atividades lúdicas. Essas atividades são exercidas a partir de pactos e regras livremente consentidas e apropriam-se temporariamente dos espaços com intuito de divertimento, prazer e alegria.

Para Huizinga (1993), o jogo jamais é imposto pela necessidade física ou pelo dever moral, e nunca constitui uma tarefa, sendo sempre praticado nas horas de ócio. Ou seja, o jogo, que vem do instinto mais primitivo do homem, não pertence à vida banal, é a busca dessa ruptura com o cotidiano. O jogo é uma das formas mais primitivas que usamos para interagir em grupo, baseado principalmente pelo desejo, curiosidade, prazer, agilidade. Os gestos do jogo fazem-nos explorar nossos corpos com toda a potência que nele existe.

“tendo em vista que gestos em movimento são repetidos e refeitos incansavelmente nos jogos, no brincar, nas manifestações lúdicas de toda sorte, temos que a imagem corporal exercitada e vivida como um todo – e não em partes ou etapas – é estruturante para o desenvolvimento do ser humano em geral e para sua existência em particular. Se não o fosse, não a realizaríamos com tanto empenho, por gerações e gerações de brincantes. Nem o esporte seria tão popular. Talvez até nem jogássemos, nem brincássemos, nem competíssemos e não nos envolveríamos com tanta verdade e empenho nas atividades corporais.” (SAURA, 2012 p.5)

A palavra jogo tem sua raiz no latim, - *jocus* - e a sua etimologia está relacionada com brincadeira, gracejo e divertimento. É uma atividade física e/ou intelectual que tem como uma de suas características um sistema de regras, que acabam por definir quem ganha e quem perde, mostrando também seu caráter competitivo. Já a palavra Lúdico, do latim *Ludus*, remete ao divertimento. A atividade lúdica é, por assim dizer, um momento de entretenimento, de prazer e de divertimento, e está diretamente relacionada ao ato de brincar.

Segundo Huizinga (1993), o jogo está na gênese do pensamento, do encontro de si mesmo, da possibilidade de experimentar, de criar e de transformar o mundo, onde se apresenta justamente o lúdico.

A ideia de jogo, para Huizinga (1993), é central para a civilização e vem como uma categoria absolutamente primária da vida, tão essencial quanto o homem que raciocina (*homo sapiens*) e o homem que produz (*homo faber*) é o homem que brinca (*homo ludens*). Para o autor, o *homo ludens* não substitui o *homo sapiens*, mas o pressupõe, ou seja, a cultura provém do jogo.

Seu estudo influenciou e ainda influencia vários campos do conhecimento, em que jogo é ao mesmo tempo, liberdade e invenção, fantasia e disciplina e todas as manifestações culturais são dele originadas.

Para que um jogo de fato possa ser entendido como tal, algumas características são abordadas por Huizinga (1993). A primeira é a voluntariedade, ou seja, a pessoa precisa querer jogar. O segundo aspecto é o tempo, pois o jogo deve ser compreendido como uma atividade temporária. O jogo não faz parte da nossa vida “real-comum” e, por isso, deve ser compreendido como um momento de evasão e subterfúgio temporário da realidade, representando assim uma ruptura momentânea da rotina e da seriedade do cotidiano.

O jogo perpassa diversas esferas da vida humana, não apenas no engraçado, lúdico ou divertido. Há também uma “seriedade” presente no jogo, um aspecto ético e também estético (e por isto tão atraente!). A natureza do jogo está presente em várias formas de relações sociais, dentro de um campo político, do meio religioso, no campo econômico e cultural. “Toda poesia tem origem no jogo: o jogo sagrado do culto, o jogo festivo da corte amorosa, o jogo marcial da competição, o jogo combativo da emulação da troca e da invectiva, o jogo ligeiro do humor e da prontidão” (HUIZINGA, 1993, p.143).

O Riso, assim como o jogo, tem um caráter libertário, porém apresenta o aspecto cômico e satírico, e pode ser lida por sua força emancipatória, desviante e subversiva. Para Bakhtin o riso tem um caráter ambivalente, que se configura “no seu alegre relativismo; por ultimo, esse riso é ambivalente: alegre e cheio de alvoroço, mas ao mesmo tempo sarcástico, nega e afirma, amortalha e ressuscita simultaneamente”. (BAKHTIN, 1999 p.10)

Rir é uma expressão puramente humana, que influencia e é influenciado pelo grupo em que se insere e, como afirma Bergson, “O riso deve corresponder a certas exigências da vida em comum. O riso deve ter uma significação social” (BERGSON, 1983, p. 9).

O riso confunde-se com a própria história do homem. Na visão da mitologia grega, o universo nasce de uma enorme gargalhada. Para se interagir em grupo, usa-se do riso e da brincadeira. O riso alivia as tensões interpessoais e é uma das primeiras formas de expressão humana.

As principais formas de manifestação do cômico, então, eram os ritos de passagem e espetáculos (festas ligadas aos trabalhos agrícolas, peças cômicas e carnavais). Predominava o vocabulário grosseiro cotidiano e as obras cômicas verbais.

O riso nasce essencialmente em situações sociais, é elemento importante do comportamento e expressa comumente alegria, prazer e descontração. Porém, pode-se perceber que o riso vai muito além da brincadeira e do humor, ele pode também manifestar

hostilidade e agressão ou arrependimento. Conforme apresenta Minois (2003, p.35), “o riso é a ritualização do instinto de agressão que existe em cada um de nós”.

Dialeticamente, entende-se principalmente que o riso, tanto no seu caráter de prazer, divertimento e alegria, quanto no de agressão é fruto de um comportamento que se estabelece como uma “arma duvidosa que se encontra em todas as situações de conflito” (MINOIS, 2003, p.43).

O que vale é entender que é uma forte ponte de relação entre as pessoas, agrega ou repele, porém sempre causa reação. É um elemento importantíssimo da biologia comportamental humana que interfere muito nas relações tanto sociais, quanto espaciais. O riso gera territorialidades⁹ e ganha espaço onde encarna. Expande seus limites pelo som e expressão do corpo.

“O riso tem um poder revolucionário. Melhor: é um verdadeiro demiurgo, uma potência criativa capaz de ressuscitar os mortos [...]. É o riso de alívio que arruína os esforços terroristas da pastoral oficial; é a divina surpresa, o relaxamento brutal de tensão, no qual os analistas veem uma das principais fontes do riso. Ele exorciza o medo, sem negar a existência do inferno. Teologicamente, poder-se-ia dizer que esse castigo por inversão não é pequeno. Mas o que o torna imperdoável é que ele é apresentado pelo riso. É em torno do riso que a divisão e o confronto se efetuam. [...] O riso aparece como uma arma suprema para superar o medo. Quem ri do inferno pode rir de tudo. O riso – eis o inimigo – para aqueles que levam tudo a “sério” (MINOIS, 2003, p.275)”.

Já a noção da Festa é abordada aqui como um fenômeno espacial, que faz da cidade o seu ambiente de privilégio, por ser o local do encontro. A festa “corresponde, sem dúvida, a esta “subversão exaltante” (DUVIGNAUD, 1983)”. É uma experimentação do corpo com seu meio, dentro de um processo efêmero, sedutor e social. Para Duvignaud (1983), a festa é uma forma de transgressão das normas estabelecidas, desobediência, tendo, muitas vezes, o efeito desagregador.

O tempo festivo é visto aqui sendo contraproducente, com fim nele mesmo, invertendo a lógica da cidade e por isso mesmo tem seu caráter de subversão, levante e fissura que ultrapassa as condições de normalidade. A festa é uma ruptura coletiva da ordem cotidiana.

Ressalta-se que a herança cultural de cada comunidade ou sociedade revela uma relação direta com o lazer, nas brincadeiras, jogos, danças, expressões artísticas, ou seja, na festa. É na festa que as comunidades se encontram e que o sentido de coletividade é expresso na alegria que o lazer proporciona.

⁹ “a territorialidade, além de incorporar uma dimensão mais estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais, pois está intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar.” (HAESBAERT, 2007, p, 22).

Segundo Sudré (2010),

“É dessa constatação que emerge o caráter espacial da Festa; vem da capacidade de unir os corpos em uma só carne, sua espacialidade inerente. É pela Festa que a cidade se liberta dos limites impostos pela regulação social; é por ela, e para ela, que o espaço urbano se transforma em palco de troca e interação, de uma efervescência orgiástica, ou mesmo ainda, orgástica.”(SUDRÉ, 2010, p. 117).

Nesse sentido, entende-se a Festa como um fenômeno social, que consegue dar a volta na vida cotidiana. É onde a vida social mostrar toda sua musculatura, pois é a matriz da socialização tendo uma potencia mobilizadora e sendo um elemento importante da vida urbana. Neste estudo é visto como elemento central, gerador de novas espacialidades e temporalidades, que, a partir da experiência dos corpos, tem um poder rearticular da vida coletiva. A Festa faz com que o homem seja transportado para fora de si, rumo ao divino e ao grupo.

Dentro desta linha Bakhtin destaca que nas festas populares há uma visão “carnavalizada” do mundo, o que se manifesta por meio da contraditoriedade, do movimento e do inacabamento, e tem como princípio o corpo e a vida material, sendo “o princípio da festa, do banquete, da alegria, da festança” e desta forma “o corpo e a vida corporal adquirem simultaneamente um caráter cósmico e universal.” (BAKHTIN, 1999 p.17).

A cerimônia social parte da necessidade de nós, como sociedade, celebrarmos e constitui-se como um elemento fundamental da coletividade, pois representa com intensidade os papéis sociais e seus significados. Historicamente, a festa representa a relação do ser humano com a natureza e a relação do ser humano com o tempo de vida. Assim, celebra-se o tempo da colheita, as mudanças de estações, o nascimento, o batismo, a transição de uma fase da vida para outra e também a morte. Celebra-se o passado, festeja-se o presente e aponta-se para o que há de vir, oferecendo a vida como possibilidade de permanência e de mudança.

Para Durkheim (1968), a festa abarca três características: 1) a superação da distância entre os indivíduos, ou seja, a capacidade de encontro e aproximação; 2) O estado de “efervescência coletiva”; 3) a transgressão das normas coletivas e o abandono da seriedade ordem e disciplina.

A festa como experiência espacial da cidade dá-se pelo vivido, pela experiência dos corpos, em que os conflitos entre ordem e desordem materializam-se. Para Sennet (2003), o corpo é aprisionado na cidade contemporânea, a liberdade e o gestos corporais são negados pela cidade. Dessa forma, a multiplicação dos corpos rumo ao “Corpo Social” (LEFEBVRE, 2000, p.283) faz da Festa um fenômeno que leva o homem para fora das condições de normalidade, geradas pela satisfação e prazer, junto a um estado de subversão.

Sob esse ângulo, a festa concretiza-se na cidade com um princípio revolucionário, dentro deste princípio Lefebvre aponta que “a revolução¹⁰ não se define, pois, unicamente no plano econômico, político ou ideológico, porém mais concretamente pela eliminação do cotidiano” (1991 p.44).

É na ideia de ruptura¹¹, pode ser lido como princípio revolucionário da Festa, ou como fissura aqui atribuída sob a perspectiva de Holloway (2013). O autor afirma que a ruptura ou fissura acontece a partir de uma “ação de enfrentamento, de uma resistência, e como construção de algo que seja diferente, levantando a noção de dignidade, no sentido em que a dignidade não esperará: a fissura é uma insubordinação aqui e agora, não um projeto para o futuro” (HOLLOWAY, 2013, p.28).

Lembremos que a festa emerge da vida cotidiana, é dela que sai seu substrato, conforme afirma Lefebvre “a festa não desaparece inteiramente da cotidianidade: encontros, festins, festivais, embora sem reencontrar a amplitude antiga, são agradáveis miniaturas do que já foram.” (2001 p.43). É nestes pequenos momentos cotidianos de socialização que fica acesa a chama da festa, motivada pela possibilidade da experimentação de outras formas de estar no mundo, proposição de outros fazeres. “Isso legitima a formulação do projeto revolucionário: recriar estilos, reanimar a festa, reunir fragmentos dispersos da cultura numa metamorfose do cotidiano” (LEFEBVRE, 1991, p.45).

Os rituais sempre foram determinantes na vida em sociedade. Diante desse contexto, esses “gestos brincantes estão repletos de movimentos sagrados, arquetípicos e ritualísticos. Enquanto brincam, realizam um importante exercício de ancestralidade por meio da produção simbólica de imagens” (SAURA, 2014, p.172).

Dentro do universo lúdico, territorializado aqui junto com as manifestações culturais por meio das festas, brincadeiras e jogos, vê-se o caráter estético e ético do lazer. As festas tradicionais, por exemplo, representam algo que nutrem os seres humanos e carregam consigo uma relação histórica da humanidade com a natureza. Essas celebrações foram marcadas dentro de um caráter universal, pois todas as civilizações sempre festejaram, com rituais de passagem, celebrando ciclos e tempos da natureza (época da colheita), ou os ciclos da vida, como no nascimento, aniversário, morte, entre outros.

Os elementos que determinam o processo de planejar, produzir, vivenciar e findar as festas, a beleza, a alegria e a fartura sempre foram fatores importantes para que a festa funcione e ocorra, mesmo sendo sempre atribuída a noção do inesperado, misterioso e celestial. Outro caráter importante da festa é sua coletividade, não se faz festa sozinho e, nesse sentido, o próprio processo de produção da festa é um processo comum.

Diante disto, o lazer espontâneo aqui se fundamenta na experiência lúdica, que é expressa nos corpos por meios sensoriais (tato, olfato, audição, paladar e visão), e provoca

10 “Quanto ao famoso período de transição, ele mesmo adquire um novo sentido. Recusa o cotidiano e o reorganiza para dissolvê-lo e transformá-lo. Acaba com o seu prestígio, com a sua racionalidade ilusória, com a oposição entre o cotidiano e a Festa (entre o trabalho e o lazer) como fundamento da sociedade” (LEFEBVRE, 1991, p.44).

11 “O não mais servir, se não levar a um outro-fazer, uma atividade alternativa, pode facilmente ser convertido em uma negociação sobre os termos de servidão.” (HOLLOWAY, 2013 p.19)

um domínio do conhecimento do ser com seu corpo, tendo, como consequência, uma noção de presença do ser no mundo. Essa espontaneidade, atribuída aqui dentro de um cotidiano, parte da dimensão de autonomia individual e coletiva, basicamente por se tratar de atividades livremente escolhidas.

Por meio da dimensão de autonomia, liberdade, criação e recriação do mundo que se baseia o viés de fissura, no qual o lazer espontâneo apresenta sua potência. Por ser um fim em si mesmo, contraproducente e sem a pretensão de servir para nada além da satisfação, alegria e prazer que as práticas de lazer, insurgentes e autoproduzidas podem e devem ser exploradas dentro de uma ótica transformadora.

O LAZER COMO SUBVERSÃO E DESVIO.

Cabe-nos delinear aqui que o lazer é uma prática potente para experimentarmos outras lógicas espaço/temporais, entendidas neste ensaio como formas de subversão e desvio. Nesse sentido, proclamamos o lazer como subversão por apresentar outros meios de apropriação na cidade, com participação ativa de quem habita nos territórios, abarcando assim uma dimensão revolucionária e rompendo com as formas hegemônicas de produção do espaço.

O brincar na terra, soltar pipa, pular nos buracos das obras, nadar na caixa d'água, jogar sinuca e sentar na sombra da árvore para jogar damas são experiências autênticas e emancipatórias que se mostram opostas a um "lazer enlatado" e pronto para o consumo.

As práticas espontâneas de lazer, desse modo, são entendidas a partir de formas autônomas de produção do espaço como "fissuras" à lógica do capital, defendida por Holloway (2013) como um outro fazer que resulta de uma negação ao status quo.

"O não original é, portanto não um fechamento, mas uma abertura a uma atividade diferente, o limiar de um contra-mundo com uma lógica diferente e uma linguagem diferente. O não abre um espaço-tempo no qual tentamos viver como sujeitos, ao invés de objetos. Estes são espaços ou tempos nos quais afirmamos a nossa capacidade de decidir por nós mesmos o que devemos fazer – seja conversar com nossos amigos, brincar com as crianças, cultivar a terra de forma diferente, desenvolver e implementar projetos para uma educação crítica. Estes são tempos ou espaços nos quais tomamos controle de nossas próprias vidas, assumimos a responsabilidade de nossa própria humanidade." (HOLLOWAY, 2013 p.21).

Esse tipo de apropriação do espaço, inserido nas ocupações urbanas, envolve uma criatividade que reflete diretamente na forma da cidade. Esta nova forma de vivenciar o espaço se baseia, sobretudo, no valor de uso da terra, mesmo que o valor de troca incida constantemente, e são ancoradas por um fazer diferente, desviante que emerge da vida cotidiana.

Assim como os Situacionistas, entende-se a subversão como uma revolta contra uma dada ordem social que está estabelecida, e o desvio como uma prática intermediária entre a dominação (e por isto cabe-nos evidenciá-la como subversiva) e a apropriação.

Vale ressaltar que a espontaneidade se dá no cotidiano, justamente onde as ambiguidades se apresentam, e por isto mesmo, é o lugar da resistência. É a partir do conflito e da ambiguidade que emerge da vida cotidiana ou de outro fazer, resistente e desviante, que o lazer consegue materializar-se de forma concreta, por atuar no imaginário e ter o caráter liberatório.

Os rituais sempre foram determinantes na vida em sociedade. Justamente por isto, esses “gestos brincantes estão repletos de movimentos sagrados, arquetípicos e ritualísticos. Enquanto brincam, realizam um importante exercício de ancestralidade por meio da produção simbólica de imagens” (SAURA, 2014, p.172).

Diante deste contexto, consideramos o tempo de lazer como um tempo intersticial o que Victor Turner denominaria estado liminar¹², que representa aqui uma brecha que abre a possibilidade de experimentar outros meios de produção do espaço. As práticas espontâneas de lazer então dão a chance de criar espaços por meio da alegria, divertimento, leveza, riso, bem como pela aposta, disputa e força.

Cabe destacar, contudo, que, historicamente, a noção de vadiagem é impregnada no imaginário coletivo da burguesia e até hoje da classe média e elite dominante. Conforme aponta Chauí (2012), vários são os estereótipos de vadio e preguiçoso, como o caipira Jeca Tatu, da obra de Monteiro Lobato; o nordestino que é lento e preguiçoso; o malando desempregado que gasta seu tempo na rua; as mulheres da vida, dentre vários outros.

Esse imaginário segue a humilhar e culpar os antigos negros escravos, que foram substituídos por trabalhadores imigrantes; os povos indígenas, que resistem a esse tipo de cultura ocidental há mais de 500 anos; as crianças de rua; as mães solteiras, que necessitam sustentar suas casas; ou simplesmente o desempregado.

No contexto atual, em que o Estado de exceção impõe de forma perversa e em medida de urgência reformas trabalhistas e perdas de direitos fundamentais, esse mesmo brasileiro, que ainda é visto como vadio e preguiçoso colonizado e alienado, já enxerga dentro de sua cultura a força de sua existência. Valoriza, como algo mais que sagrado, seu futebol, cerveja, jogo, samba, a batida do som bem alta e o forró da sexta-feira à noite. Talvez resida nessa cultura, ora mal vista, ora usada como “souvenir” para turista, que o “Direito à Preguiça”¹³ tenha aqui, no Brasil, periferia do mundo global, sua experiência mais

¹² Turner (2013) entende chama a “fase liminar” como a abdicação de qualquer status nos Rituais de passagem. É o estágio de transição, a margem de uma estrutura social, que para o autor caracteriza um sujeito ritual que se localiza em uma anti-estrutura. “As entidades liminares não se situa aqui nem lá; estão no meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimonial.” (TURNER, 2013 p.98).

¹³ Lafargue (2003) descreve em seu livro “O Direito a Preguiça” que o sistema econômico massacra os trabalhadores e reforça seu estado de alienação e dependência do meio de produção capitalista, enxergando assim o trabalho como uma religião. Trazendo suas provocações para os dias de hoje, o operário, além de estar economicamente massacrado, é afastado para áreas periféricas, como reflexo de especulação imobiliária, forçando-o a percorrer grandes distâncias entre a moradia e os

potente e revolucionária. Junto aos saberes locais, das terras, dos povos dos trópicos, o povo brasileiro já produz socialmente a cidade pela preguiça, ócio, festa e lazer.

“Em oposição ao mundo da ordem, da religião católica, da moral burguesa e do trabalho, o malandro inventa, por boniteza ou precisão, um modo de vida em que a pobreza e o desamparo são compensados pela alegria, a disposição infantil para o prazer e a diversão, a brincadeira e a sexualidade sem culpa e sem pudor.” (KEHL, 2012, p.371).

O malandro, figura marcante da cultura brasileira, pode mostrar à luz aquilo que Paul Lafargue(2003) enxergava como a verdadeira revolução da classe popular. Muitas vezes, esse malandro é o trabalhador informal, que busca seu sustento, mas não se curva à lógica da acumulação. É, assim, um desviante, que prefere repousar seu tempo na roda de samba, no bar, no jogo e na orgia. É aquele que batucou na Praça Onze para seus Orixás, que deu origem aos blocos de carnavais cariocas e brincou de ser rei por um dia.

UMA CARTOGRAFIA BRINCANTE PARA AS PRÁTICAS DE LAZER NA IZIDORA.

Na tentativa de mapear as práticas de lazer que emergem dos territórios das Ocupações Urbanas, mais diretamente da Ocupação Rosa Leão, na Izidora, acabamos por vivenciar junto das crianças, das moradoras e moradores de luta, momentos de prazer e alegria, em um território que para muitos é um mundo estranho e distante, onde só se vê a carência, sem enxergar as riquezas que existem nestes territórios.

Ao falarmos das Ocupações, a perspectiva aqui defendida é da produção cotidiana do espaço a partir de seu uso, do local, sem, contudo, diminuir a importância dos conflitos existentes em suas mais variadas escalas. E, sobretudo sem esquecer que este território é produzido a partir também de muita carência, sofrimento, humilhação que reforçam a subalternidade de grande parte do povo brasileiro.

Entretanto seguimos na lógica de positivar a força da luta pelo direito a moradia e a cidade, entendendo que estes territórios de resistência são antes de tudo, repletos de sujeitos revolucionários, que constroem dia após dia cidades formais e informais, e detêm marcados no corpo um conhecimento tácito e neste sentido apresentam a possibilidade de produção de espaços diferenciais.

A Izidora persiste em um contexto de luta há cinco anos, e é um dos maiores conflitos fundiários da América Latina, sendo um território com diversos interesses que se atravessam. Ainda hoje é tratada de forma austera e violenta.

locais de trabalho. Ao questionar o trabalho alienado e defender que o certo seria trabalhar apenas três horas por dia, Lafargue (2003) acredita que é pela virtude do ócio que o trabalhador poderá refletir sobre o sistema no qual se insere e poderá assim romper com esse modelo. Para o autor, o trabalhador deveria “em vez de beber moderadamente mau vinho, mais católica que o papa, beberá grandes e fundos copos de Bordeaux, de Borgonha, sem batismo industrial, e deixará a água para os animais” (LAFARGUE, 2003, p.69).

“A região da Izidora, localizada no vetor norte da capital mineira, é alvo de emblemática disputa entre a apropriação do território pelo Estado-capital, mediada pela lógica privatista, e outras formas de produção do espaço, realizadas por comunidades tradicionais ligadas ao quilombo remanescente na área e ocupações urbanas de moradia, cuja produção do espaço passa pela ordem do comum.” (INDISCIPLINAR, 2017, sem pagina).

Abordando mais diretamente as práticas de lazer, um ponto crucial para discutirmos é a questão do tempo. No contexto das ocupações, o tempo de lazer não se define somente pelo final de semana, mesmo que os sábados sejam dias mais movimentados a partir de tais práticas.

Isto ocorre muitas vezes pelos moradores trabalharem por empreita, como é o caso da construção civil, pela frequência do trabalho terceirizado, sem carteira assinada e direitos garantidos. Isto faz com que ocorra uma lógica distinta entre tempo liberado e tempo de trabalho. No caso das mulheres é mais agravante, pois o tempo fora do trabalho geralmente é ocupado pelos afazeres domésticos.

Entretanto os sábados são os dias em que as mulheres fazem as unhas na calçada, tomando uma cerveja e jogando baralho, que se lavam os carros e em que o forró acontece (depois do culto). Uma das coisas que difere o tempo do final de semana dos dias de semana é o som. Nos dias normais, por mais que as crianças sigam soltando pipa intensamente, brincando com a terra e os materiais de construção, são dias mais silenciosos. Já nos finais de semana todas as atividades de ócio são acompanhadas de uma caixa de som com música bem alta.

Nos finais de semana são os dias de mutirão, o que não se restringe a um dia de trabalho. Muito pelo contrário: o mutirão é um momento de socialização e riso em muitos momentos. O trabalho pesado acontece junto com uma churrasqueira improvisada, cerveja e som alto.



Figura 2 - Churrasqueira na Rua Pedro Pomar

Foto: acervo da autora

As atividades de lazer que ocorrem durante a semana são principalmente protagonizadas pelas crianças, que ao voltarem da escola já encontram seus primos e vizinhos e vão brincar. As práticas são diversas, mas cabe chamar a atenção para a capacidade criativa das brincadeiras em meio aos materiais de construção. Lembremo-nos: as ocupações são canteiro de obra constante. As crianças brincam com carrinho de mão, onde um deles entra e o outro carrega, com montes de terra, areia, brita, e destes materiais infinitas possibilidades de divertimento surgem.

Entre as atividades de lazer exploradas na ocupação Rosa Leão, destaca-se algumas ações voltadas para o teatro e audiovisual, que teve adesão total das crianças e mães. As atividades voltadas ao audiovisual abarcam duas sessões de cinema, sendo uma que ocorreu em maio de 2017, onde foi projetado na pracinha do centro comunitário 3 curta-metragem¹⁴ que foram gravados nos territórios, onde com muita alegria as crianças se identificando na tela de cinema, e logo após passou o filme “Era o Hotel Cambridge”¹⁵. Para que a festa fosse completa, as mães e coordenadoras garantiram pipoca e guaraná para todos.

Sendo nítido o interesse e encantamento dos moradores pelo cinema, a outra sessão ocorreu em meio de 2018, e fechamos um micro-ônibus com aproximadamente de 25 pessoas (crianças e 2 mães) e seguimos para o Cinema na região central de Belo Horizonte, onde passou o filme do Bob Esponja. Vale ressaltar que nenhuma das crianças nem das mães tinham ido a um cinema, e logo após a sessão foi feito um lanche e brincadeiras na Praça Duque de Caxias, no Bairro Santa Tereza.



Figura 3: Sessão de cinema meio 2017

Foto: acervo da autora

Outro ponto forte, principalmente entre maio a setembro são as pipas. Toda criança tem ou quer ter uma pipa. Este registro é explícito nos gestos das mãos, no manuseio da corda, no olhar aos céus do desejo de voar alto e de entender os ventos. Em todas as

¹⁴ Os três curtas-metragens foram gravados em 2015 nas 3 ocupações da Izidora, protagonizado pelas crianças. A direção foi de Cardes Monção Amâncio.

¹⁵ O filme foi disponibilizado pela produtora Vitrine Filmes, com direção de Eliane Café, e fala sobre a dinâmica de uma ocupação sem teto no centro de São Paulo.

mercearias vende-se a corda, e as pipas que não são compradas, são feitas de sacola plástica. Também o velotrol e a bicicleta são os brinquedos mais presentes nos territórios.



Figura 4 e 5 - Criança brincando com velotrol em uma segunda-feira e crianças fazendo pipas no Festival de Pipas que ocorreu dia 08/07/2017

Foto: Izabella Galera (2017)

Em maio de 2017 conversamos com aproximadamente 15 crianças, e ao perguntar o que elas mais gostam de fazer para brincar, o que foi levantado foi soltar pipa, subir em árvore, brincar de esconder, jogar bola, e brincar de escolinha. Ao refletirmos sobre estas atividades, ressaltamos que nenhuma das práticas, exceto brincar de escolinha, necessita de um espaço fixo. Ou seja, o importante é que tenham árvores, que tenha um espaço aberto para jogar bola, mas não necessariamente restringe-se o brincar a um espaço de parquinho ou praça. As brincadeiras são brincadeira de rua.



Figura 6 - Meninos jogando futebol e utilizando o portão como trave.

Foto: Izabella Galera (2018)

Embarcamos, aqui, no caráter espacial do lazer. Para as crianças o lazer é exercido principalmente na rua, mas sempre próximo às casas onde moram. Esta apropriação gera o que Magnani (2003) chama de “Pedaço”, que é uma unidade territorial que se constitui pelas práticas de lazer, por isto mesmo tem um caráter efêmero.

Os “pedaços” são formados por pessoas de vivem próximas, e uma das características das ocupações é a proximidades dos parentes, ou seja, os vizinhos muitas vezes também são primos. A presença de muitas crianças acaba por contribuir para a formação de núcleos de brincadeiras. Geralmente há um adulto por perto assistindo, mas não há um controle e imposição das atividades exercidas.



Figura 7 - Crianças soltando pipa próximo a Quadra 13 - Rosa Leão

Foto: Okupa Mídia (2018)

Os mapeamentos das práticas de lazer surgiram a partir, inicialmente de um diário de campo elaborado sobre um mapa, sintetizando posteriormente em um único mapa. Dessa forma, além de entender quais são os lazeres da Ocupação, também compreendemos como isto se especializa, dentro da lógica dos “Pedaços”.

O exercício de desenhar o mapa e depois desenhar no mapa faz com que o entendimento do território se estabelecesse por outras vias, que são muito mais ricas quando se conhece o território no caminhar, sentar, olhar a paisagem, e também ao cartografar dentro de uma escala maior e mais abstrata.

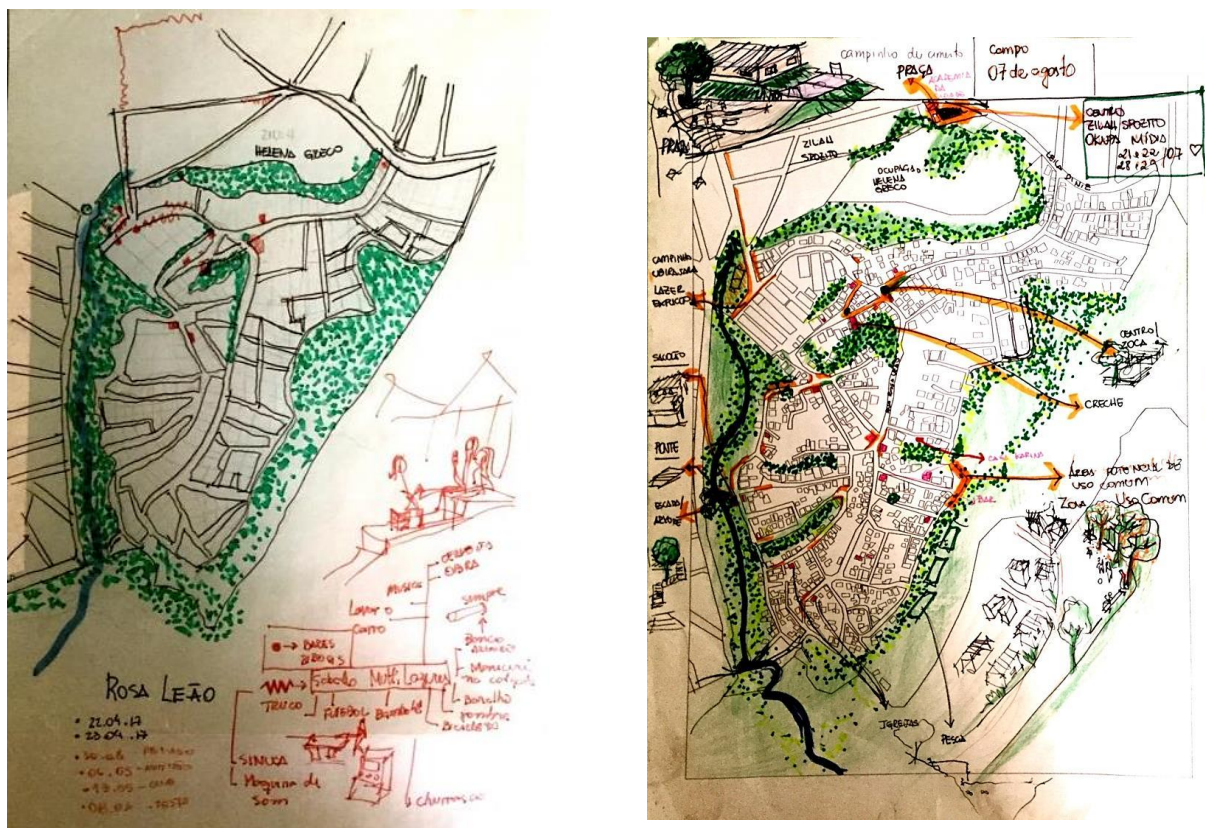


Figura 8 - Primeiro mapeamento feito

Fonte: Elaborado pela autora

Figura 9 - Mapa dos Pedacos de Lazer, as áreas ainda possíveis de preservação e áreas de potencial uso coletivo.

Fonte: Elaborado pela autora

O caminho percorrido por este ensaio procura destacar que o lazer é parte fundamental da vida em comunidade, e no nosso caso específico, atividade constante exercida nas Ocupações Urbanas. Destacamos aqui que esta parte tão rica e importante da vida é capaz de transformar e espaço-tempo à medida que é vivenciada.

Enxergamos nos momento de lazer um momento de partilha, troca e divertimento. Extrapola a dicotomia espaço privado X espaço público, gerando territorialidades comuns, que Rancière (2005) denomina “Partilha do Sensível”.

Esta partilha acontece a partir de atos estéticos que se configuram como experiências no tempo-espaço e produzem espaços a partir das subjetividades. Partilha, para o autor, representa, ao mesmo tempo, a participação em conjunto e a construção comum e a separação e distribuição igualitária do quinhão que, produzido coletivamente, será partilhado entre o grupo.

Vale-nos retomar a resistência que é expressa das práticas e territórios de lazer dentro das ocupações urbanas. É visível que imerso a tanta adversidade e negação de direitos fundamentais, o jogo, o riso e a festa são formas se subverter a lógica perversa de

exclusão social e produzir outros territórios, proclamando de forma radical o “Direito a cidade”.

Entende-se aqui que o jogo, o riso e a festa têm a potência de humanizar a cidade, reivindicando-a como valor de uso e não de troca, sendo contraproducente e, por isso mesmo, com potência de fissurar as formas hegemônicas de produção do espaço. O lazer, nesse sentido, é apontado como parte essencial da vida, abarcando a noção de autonomia, liberdade, subversão, atitude lúdica, culturas populares e tempo-espaço. Ao cruzar essas dimensões, defende-se o lazer como uma alegre forma de resistência contra a ordem hegemônica e revolucionária pelo fato de ser livre, de atuar nos corpos, no imaginário, na subjetividade.

Cabe aqui destacar que o lazer como forma de resistência não se configura como uma bandeira que demanda do estado a “cidade formal”, pois há uma potencia revolucionária que emerge da vida urbana, a partir dos espaços criados espontaneamente, onde sem a presença do poder público, demonstram o resistir cotidiano daqueles que entendem o riso como alimento e o lazer como potencialidade revolucionária, abarcando a noção de liberdade e a experiência de algo diferente.

REFERÊNCIAS

BASTOS, C. D.; MAGALHÃES, F. N. C.; MIRANDA, G. M.; SILVA, H.; TONUCCI FILHO J. B. M.; CRUZ, M. M.; VELLOSO, R. C. L.. Entre o espaço abstrato e o espaço diferencial: ocupações urbanas em Belo Horizonte. Rev. Bras. Estud. Urb anos Reg., Recife, v.19, n. 2, p. 251-266, mai./ago., 2017.

BAKHTIN, M. M. Cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais – 4ª edição. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1999.

BERGSON, H.. O riso: ensaio sobre a significação do cômico. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

CHAUÍ, M.. Sobre o direito à preguiça. In: NOVAES, A. Mutações: elogio à preguiça. Rio de Janeiro: Editora Sesc, 2012.

DEBOARD, G. E e WOLMAN, G. J. Guia para o uso do Détournement, 1956. Disponível em: https://pt.protopia.at/wiki/Desvio:_modo_de_usar. Acesso em 27 de junho de 2018.

DUVIGNAUD, J.. Festas e Civilizações. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

DURKHEIM, E.. Les formes élémentaires de la vie religieuse. Paris: PUF, 1968.

DUMAZEDIER, J.. Sociologia empírica do lazer. São Paulo: Perspectiva, 1974.

GOMES, C. L.. Lazer, Trabalho e Educação. Relações históricas, questões contemporâneas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

GOMES, C. C. S.. Festas, Memórias e Representações. Salvador. Festas. Cadernos do GIPE–CIT, n. 20, 2008.

INDISCIPLINAR. A operação urbana do Isidoro. Belo Horizonte, 2015. Disponível em: http://oucqh.indisciplinar.com/?page_id=822 Acesso em maio de 2017.

HAESBAERT, R. Identidades territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (ou: do hibridismo cultural á essencialização das identidades). In: ARAÚJO, Frederico Guilherme; HAESBAERT, Rogério (Org.). Identidade e Territórios: questões e olhares contemporâneos. Rio de Janeiro: accss, 2007, p. 93-123.

HARVEY, D. Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

HOLLOWAY, J.. Fissuras: a antipolítica da dignidade. In: HOLLOWAY, J.. Fissurar o capitalismo. São Paulo: Publisher Brasil, 2013.

HOLSTON, J.. Cidadania Insurgente: disjunções da democracia e da modernidade no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HUIZINGA, J.. Homo ludens: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 1993.

KEHL, M. R.. A preguiça na cadência do samba. In NOVAES, A.. Mutações: elogio à preguiça. Rio de Janeiro: Editora Sesc, 2012.

LAFARGUE, P.. O direito à preguiça. São Paulo: Editora Claridade, 2003.

LÉFÈBVRE, H.. A Revolução Urbana. Belo Horizonte: EDUFMG, 2004.

_____.. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2011.

_____.. A vida cotidiana no mundo moderno. São Paulo: Ed. Ática, 1991.

_____.. La production de l'espace. Paris: Anthropos, 2000 [1974].

_____.. Espaço e Política. O direito a cidade II. 2 ed., Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.

MAGNANI, J. G. C.. Festa no pedaço: Cultura Popular e lazer na cidade. São Paulo: Hucitec/UNESP, 2003.

_____.. Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em antropologia urbana. São Paulo: Terceiro Nome; NAU, 2012.

_____. O direito social ao lazer na cidade do nosso tempo. In: GOMES, Christianne Luce; ISAYAMA, Hélder Ferreira (Org.). O Direito social ao lazer no Brasil. Campinas: Autores Associados, 2015.

MARCELLINO, N. C.. Lazer e Humanização. Campinas: Papirus, 1983.

MINOIS, G. História do Riso e do Escárnio. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MORADO NASCIMENTO, D.. As políticas habitacionais e as ocupações urbanas: dissenso na cidade. Cadernos Metrôpole, São Paulo, v. 18, n. 35, p. 145-164, abr., 2016.

SAURA. S. C. A Pedagogia do Movimento na Perspectiva do Lazer. Publicado em Basso, L.; Correa, W. Pedagogia do Movimento do Corpo Humano. V. 1. 1 ed. Varzea Paulista. Ed. Fontoura. 2012. Pag. 121-140.

SAURA. S. C.. O imaginário do lazer e do lúdico anunciado em práticas espontâneas do corpo brincante. Rev Bras Educ Fís Esporte, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 163-175, jan./mar., 2014.

SENNETT, R. O carne e a pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Tradução de Marcos Aarão Reis. 3 ed., Rio de Janeiro: Record, 2003.

SERPA, A.. Teoria das representações em Henri Lefebvre: por uma abordagem cultural e multidimensional da geografia. GEOUSP – Espaço e Tempo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 487-495, 2014.

SILVA, D. A. M.. O lazer como campo: desafios à concretização do direito social em um Brasil “em construção” democrática. In: GOMES, Christianne Luce; ISAYAMA, Hélder Ferreira (Org.). O Direito social ao lazer no Brasil. Campinas: Autores Associados, 2015.

SUDRÈ, M. F. A festa e a cidade: experiência coletiva, poder e excedente no espaço urbano. Belo Horizonte. UFMG. 2010.

TURNER, V. W. O processo ritual: Estrutura e Antiestrutura. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

VELLOSO, R.. Apropriação, ou o urbano-experiência. Disponível em: < <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/16.189/5949> > Acesso: 15 jun. 2017.

RANCIÈRE. J.. A partilha do sensível: estética e política. São Paulo: EXO experimental org.; Editora 34, 2009.